

REPÓRTER MANDA PRENDER

(Matéria divulgada no jornal DIÁRIO CARIOCA, de 7 de fevereiro de 1960.)

Nesta altura dos acontecimentos, tudo ainda era confuso. Não havia nomes a indicar. Nem mesmo se sabia se a morte fora acidental, suicídio ou violenta.

Descendo ao térreo, o repórter Presídio viu os policiais interrogando o faxineiro e o porteiro do edifício. Ambos negavam conhecer a jovem.

A primeira versão levantada pela polícia foi a de que a jovem, talvez levada por seu amante a um apartamento do prédio, e tendo brigado com o mesmo, teria, em consequência, se atirado ao solo. Foi nesse momento que o nosso repórter pediu ao comissário Marques Peixoto que lhe permitisse fazer algumas perguntas aos dois empregados do edifício.

Negado o consentimento, mesmo assim o repórter passou a interrogar ambos e seu interrogatório foi contínuo, cerrado, um verdadeiro bombardeio. Foi então que o faxineiro João Teles, receoso de ser incriminado, discordando do porteiro, disse que não havia tirado nenhuma chave de seu quarto e a deixado no corredor, como o porteiro sustentava.

Daí em diante, os dois começaram a cair em contradições, dando nitidamente a ideia de que sabiam muito mais do que diziam.

O repórter resolveu então levar o faxineiro e o porteiro ao quarto onde ambos moravam, a fim de procurar as chaves do terraço, que deveriam estar guardadas ali. A busca foi em vão. Ambos negavam tivessem apanhado a chave do terraço que deveria estar no quarto deles.

Mais tarde, as chaves do terraço foram encontradas no 8º andar, jogadas no chão.

Irritado com as sucessivas perguntas do repórter, a certa altura já se sentindo seriamente comprometido, o porteiro Antônio João resolveu não mais falar, tratando até rispidamente o repórter.

O pretexto serviu para que o comissário Marques Peixoto interviesse a favor do porteiro e mandasse que o repórter se retirasse. Não tendo outra alternativa, o repórter Presídio obedeceu, mas antes disse para o comissário:

- “Se o senhor quiser saber de toda a verdade, deve mandar prender imediatamente estes dois homens, pois eles sabem de muita coisa que não querem dizer...”

Pensando melhor, o comissário resolveu atender o conselho do repórter e mandou que seus auxiliares conduzissem os dois homens para uma viatura da Rádio Patrulha.

Pela madrugada, viemos a saber que o porteiro, já então no 12º Distrito Policial, havia contado toda a história. Foi então que surgiram os nomes de Ronaldo e Cácio.

O trabalho da reportagem do DIÁRIO CARIOCA em muito contribuiu para que a polícia chegasse às verdadeiras pistas, e com elas, até os nomes de Ronaldo, Antônio João e Cássio Murilo, filho daquela mesma senhora de cujo apartamento no 3º andar nosso fotógrafo fotografou o corpo inerte de Aída Curi.

Inúmeros outros levantamentos foram a seguir feitos pelos repórteres João Emílio Falcão e Fernando Presídio, que assim prestaram um serviço à sociedade, em nome da sua profissão, contribuindo para que o triste episódio culminasse com a decisão que ontem deu o Tribunal do Júri.